

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTAS DE TOPONÍMIA PORTUGUESA. A "TOPONÍMIA DA COR".

CHAVES, Luís

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

CHAVES, Luís, Notas de toponímia portuguesa. A "Toponímia da cor". *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 51-85.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notas de Toponímia Portuguesa

A «Toponímia da Cor»

Pelo Dr. LUÍS CHAVES

Entre as sugestões sensoriais, que induziram os homens a dar nome a acidentes topográficos (elevações, correntes de água, lagoas, etc.), regiões, mais ou menos extensas, perto ou longe da costa marítima, e de rios, povoados de diverso volume, ou simples lugares, está, em realce importante, a de colorido ou de aspectos de cor, luz, sombra quer no todo, quer em sector dele (1).

Neste capítulo da Toponímia, vale a impressão provocada pela cor ou pelo aspecto geral de relação com a cor, e não o simbolismo ou o valor mágico, vulgarmente atribuídos às cores. A «Toponímia da Cor» o que interessa é a cor por si própria e em si, fora de qualquer outra consideração, diferente da sua expressão cromática.

Do «claro» ao «escuro», ou do «alvo» e do «branco» ao «escuro», ao «negro» e ao «preto», passam na lista dos topónimos portugueses as cores simples e as compostas ou mistas, primárias e secundárias, vibrantes e baças ou «pardas», «cinzentas», correspondentes a feições naturais, apreciadas em conjunto ou alargadas do pormenor ao todo; fixadas uma vez, em determinado momento ou período, transmitiram-se

(1) Joseph M. Piel, *Nomes de lugares referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (Capítulo de uma toponímia galego-portuguesa)*, em «Revista Portuguesa de Filologia», vol. I, Coimbra, 1947, tomo I, págs. 153-197. É trabalho necessário a quem pretenda estudar a influência dos aspectos sugestivos do solo e da paisagem na formação da toponímia local e regional.

em continuidade, embora tenham variado muito, depois de condicionado e obtido o respectivo topónimo.

Os topónimos derivados de «alvo» e «alva» dão-nos logo a imagem de cor de acidente ou aspecto referidos a «alvura», aparente ou real, tomada em absoluto (alvura ou brancura efectivas), ou por contraste na envoltura em que se encontram, seja ocasional ou permanente. Pode ser mais ou menos «alvo» o acidente, como o exprimem os nomes «alvar» ou «alvadio» (alvacento, esbranquiçado, quase branco, cinzento-claro, etc.). Qualquer topónimo, que se relacione com «alvura», define sensação característica, distinta de outras cambiantes.

«Calvo» exprime, na toponímia, lugar alto, arredondado, nu de vegetação, que lembrou uma calva; é também terreno claro ou esbranquiçado por natureza geológica ou acidente geo-humano.

A caracterização fica, porém, mais definida, quando o topónimo inclui o qualificativo «branco» ou «branca»: — *Aldeia Branca*; *Casa Branca*; *Castelo Branco*; *Monte Branco*.

A «claro» opõe-se «escuro», como a «branco» se opõe «negro» e «preto», ou mesmo «cinzento» e «pardo», com o significado de branco-sujo, e, mais acentuadamente «queimado», enegrecido pelo fogo. De «roxo», entre violeta e vermelho, — de «ruivo», amarelo-avermelhado ou vermelho-escuro, como o definem dicionários, — de «rubro», vermelho forte: formaram-se topónimos numerosos.

Nenhuma cor, porém, contribuiu mais para a toponímia do que a «verde», o que não admira, se notarmos que, provindo os nomes da cor natural dos campos e dos panoramas rurais em vegetação viçosa, predomina a verdura. Aqui, é a tonalidade absoluta da cor; ali, é o aspecto relativo da plantação, como, por exemplo, *Verdemilho*. Quando à cor falta directamente a referência, está esta implícita no topónimo, o que se vê em *Erva*, *Ervedal*, *Relva* e *Relvas*, que, se impressionaram a vista e sugeriram os topónimos, à cor o deveram.

Não faltam alusões episódicas a factos do colorido, indefinido ou vago, quando observado em sentido explícito: nestes casos estão, por exemplo, os seguintes

topónimos: «Caiada», «Casa Caiada», e Cal (de branco), «Arco Pintado», «Pintada», «Perapinta» (sem darem conta da cor), «Casal da Cinza» (cor neutra), «Risçada» (litrada de cores, embora indeterminadas), etc. Estes valores de referência tópica, isolados uma vez e inicialmente, converteram-se em agregados habitacionais e povoações de maior vulto, nascidos em volta ou nas proximidades desses fulcros de referência primitiva.

«Flores», em geral, e, particularmente, certas flores ou ervas e arbustos floridos, tanto no nome singular como no plural, a exprimir o conjunto, deram cor aos topónimos respectivos, desde que, em tempos passados ou em períodos vegetativos, definiram aspectos e perspectivas de cor: temos de os incluir, por consequência, na classe toponímica; estão na circunstância «rosa» e «rosal», «rosmaninho» e «rosmanihal», «gesta» e «giesta», «gestal» e «giestal», etc., com os seus derivados.

«Pardo», «pintado», «riscado», «tinto», «viçoso», e mais termos do mesmo teor, não afirmam uma cor, mas transmitem a impressão de um ou tons da mesma cor ou de contraste e combinação de cores diferentes, até numa gradação, que vai do «pardo» (entre preto e branco), por «pintado» (de uma ou de mais cores), «riscado» (de duas ou mais cores «às riscas»), «tinto» (que recebeu qualquer tinta ou combinação de tintas), a «viçoso» (de vigor cromático, onde predominará o verde).

O que num momento determinou o topónimo, tal como acontece com a mutação rotativa dos tons da flora estacional, fixou-o para sempre. Uma quadra da Beira pode servir de confirmação: seco (sem verdura) — verde (viçoso); refere o contraste:

Tudo o que é verde, seca
lá no pino do Verão:
tudo torna a renovar,
só a mocidade não. (1).

(1) Pedro Fernandes Tomás, *Canções populares da Beira*, Coimbra, 1923, p. 48.

Outra de Santa Vitória do Ameixial (conc.º de Estremoz) repete o sentido:

Eu já vi restolhos *secos*
tornarem a *reverdecer*:
eu já vi amores desfeitos
tornarem-se a convencer. (1)

Como «tudo o que é verde, seca»/, lá no pino do Verão», as impressões das cores e do viço transformam-se; ao colorido, que formou os topónimos, opõem-se as manchas de cores mortas, que a falta de humidade e o calor do Sol provocaram. A vegetação, no primeiro caso, deu o nome ao lugar. A falta, por seu turno, onde perdurou, manifestou-se também no nome adequado.

Então, sejam terrenos, que tiveram verdura e cor, árvores mortas, águas, que secaram, aí aparecem os qualificativos correspondentes: «seco» e «seca», «secos» e «secas»: *Outeiro Seco, Vilar Seco, Fonte Seca, Vila Seca*, etc.

Numa nota de topónimos, alusivos à cor, devem sem hesitação incluir-se os que, por qualquer motivo, negam a cor ou se recusam a ela.

Os terrenos barrentos apresentam variações de cor e de tons da mesma coloração, mais avermelhados, esbranquiçados, amarelos; os topónimos aludem à diferenciação. Quando não fazem referência senão à constituição do terreno, limitam-se a mencioná-la; *Barro, Barros, Barreiro, Barrento, Barroso*, e similares. Se insistem no colorido, então indicam-no: *Barro Branco, Barros Amarelos, Barreiras Ruivas, Barreiros Vermelhos*.

(1) Outra cantiga da Beira declara o apreço pela verdura:

Eu hei de amar o valverde,
enquanto tiver verdura...

P. Fernandes Tomás, *Canções populares da Beira*, p. 16.
Este «valverde» não é o topónimo Vale Verde-Valverde, mas a planta ornamental, derivado do francês *belvédère* (ital. *bellovedere*).

Poderá, por certo, haver numerosos casos em que a sugestão da cor provenha de outra origem, e não directamente da cor do terreno ou dos accidentes dele, naturais e humanos; advirá de pessoas, pelas suas alcunhas e mesmo pelos apelidos, de incidências humanas, até da cor da pele e dos cabelos, enfim de quem tornou digno de nota os primeiros povoadores ou a casa onde moraram. O incidente criou o topónimo, de certo modo gracioso ou caricatural; criado aí, estendeu-se e abrangeu a povoação, que se formou. Mesmo assim, quer dizer indirectamente, foi ainda uma influência cromática a determinante do topónimo, motivo pelo qual ainda os topónimos desta origem devem ser incluídos. Observem-se os exemplos:—Fors da Branca (Coruche), Casal do Relvas (Batalha), Souto da Ruiva (Arganil), e muitos outros do mesmo teor.

Na expansão marítima dos Portugueses, ao longo da costa atlântica da África, a impressão das cores foi inspirando igualmente os navegadores na toponímia dos lugares descobertos, quando outras sugestões faltavam.

Branco: — Cabo Branco (a N. da Baía de Arguim) atingido por Nuno Tristão, em 1443; (1)

— *Ilha Branca*: uma das ilhas de Arguim.

Negro: — Cabo Negro (a N. de Porto Alexandre: Angola), dobrado por Diogo Cão, em 1485.

Pardo: — Serra Parda (a S. do Cabo Negro), avistada depois de 1487.

Roxo: — em dois cabos com o mesmo nome: Cabo Roxo, um no limite setentrional da Guiné Portuguesa, outro a S. da Serra Leoa: o primeiro descoberto por

(1) Outro *Cabo Branco* é no Brasil, entre Natal e Parahiba, atingido em 1581. Na toponímia brasileira são numerosos os nomes determinados pela cor (estados, povoações, accidentes orográficos, hidrográficos, etc.).

Vicente Dias do Lago e Cadamosto, em 1445; o segundo por Pedro de Sintra, entre 1460 e 1463.

Ruivo: — Angra dos Ruivos (a S. do Cabo Bojador), aonde chegaram Gil Eanes e Afonso Gonçalves Baldaia em 1434.

Verde: — Cabo Verde, o cabo, na região de Dacar, que Dinis Fernandes atingiu em 1443 ou 44; e o arquipélago do mesmo nome, avistado em 1457 por António de Nola e Cadamosto; — Rio Verde (a N. da Serra Leoa) descoberto por Pedro de Sintra, entre 1460 e 1463.

Vermelho: — Rio Vermelho (a S. da Serra Leoa) também atingido por Pedro de Sintra.

O nome do Brasil foi também sugerido pela impressão causada pelo «pau brasil», vermelho, como se estivesse aceso em brasa.

Seguem-se, pela ordem alfabética das cores, alguns topónimos com elas relacionados, efectiva ou aparentemente. Ficam a par outros topónimos relacionados com tons, aspectos, modalidades e ligações afins, das cores fundamentais.

Alvo

Alvo-Alva e *Alvos-Alvas*; — *Alvão*, *Alvã* e *Alvação*; *Alvinho*; — *Alvor* e *Alvura*: — de «alvo» (lat. *albus*) e «alvor» (lat. *albor*) (1). — *Alvo*: branco. — *Alvacento*: quase branco, esbranquiçado. — *Alvadio*: alvacento, quase branco, cinzento claro. — *Alvor* e *Alvura*: qua-

(1) Do lat.: — *Albus* (alvo, branco), — *Albare* (branquear), — *Albarium* (cal), *Albarius* (caiaador), — *Albidus* (esbranquiçado). Portug.: — alvo, alvor (do lat. *albor*), alvorada, alvorejar, alvura; — alvadio, alvacento, alvar, alvarinho (esbranquiçado), alvear (branquear, cair), alveiro (de cor branca; — «pão alveiro» — «pão alvo» é o pão de trigo, onde se consome o de centeio, e de milho), alvaço e alvaça (m. e fem.: alvadio); aumentativos e diminutivos, como alvão, alvação, alvoração, alvinho; — alvar, alvaraço e alvaraça, alvarinho, etc.

lidade ou vibração de que é branco. — *Alvorão*: aumentativo de «alvar» (1); como — *Alvinho*, diminutivo de «alvo», e — *Alvão*, aumentativo deste mesmo, e — *Alvã*, seu feminino; *Alvação*, de «alvo», «alvar», por «alvaço», — que alveja), qualidade e efeito do que alveja por ser «alvo».

A sugestão permanente de que é branco fixou-a uma quadra trasmontana, que nota nos primeiros versos:

O branco de noite alveja;
de dia está no seu natural. (2)

1) — *Alvo*:

— *Barrocalvo* (Barroco-alvo, isto é, penhasco ou penedo alvo): concelho de Bombarral (Estremadura); — *Montalvo* (Monte-alvo): conc. de Constância (Ribatejo); — *Olhalvo* (Olho-alvo): conc.º de Alenquer (Estremadura); — *Paialvo*: conc.º de Tomar (Ribatejo) (3); — *Seixo Alvo*: conc.º de Vila Nova de Gaia (Douro Litoral); — *Alvoco da Serra*: conc. de Seia (Beira Baixa); — *Alvoco da Várzea*: conc.º de Oliveira do Hospital (Beira Alta); etc.

2) — *Alvos*:

— *Seixos Alvos* (cfr. «Seixo Alvo») conc.º de Barcelos (Minho) e Tábua (Douro Litoral).

3) — *Alva*:

— *Alva*: conc.ºs de Castro Daire (Beira Alta) e Freixo de Espada à Cinta (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Aqualva* (Água-alva); conc.ºs de Praia da Vitória (Ilha Terceira: Açores) e de Sintra (Estremadura); — *Barreiralva* (Barreira—alva); conc.º de Mafra

(1) I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, vol. II, Porto, 1943, p. 256.

(2) P.º Firmino Augusto Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, vol. II, Lisboa, 1939, p. 519, n.º 354.

(3) Ver adiante.

(Estremadura); — *Lagoalva* (Lagoa-alva); (cfr. Agualva): conc.^{os} de Almeida (Beira Alta), e Moimenta da Beira (Id.); — *Pedralva* (Pedra-alva): conc.^{os} de Anadia (Beira Litoral) e Braga (Minho); — *Charneca da Peralva*; conc.^o de Tomar (Ribatejo); *Vila Verde* (Minho); — *Penalva* (Pena — ou Pedra — alva) conc.^o de Braga (Minho), e *Penalva d'Alva*: conc.^o de Oliveira do Hospital (Beira Alta), com *Penalva de Baixo* e *Penalva de Cima*: conc.^o de Baião (Douro Litoral); *Penalva do Castelo*: conc.^o de Mangualde (Beira Alta); — *Peralva* (Pera = Pedra — alva): conc.^{os} de Braga (Minho) (1) e Tomar (Ribatejo); — *Vilalva* (Vila — alva): conc.^{os} de Celorico de Basto (Minho) e Cuba (Baixo Alentejo).

4) — *Alvas*:

— *Alvas*: conc.^{os} de Viana do Castelo (Minho) e Castro Daire (Beira Alta); — *Agua Alvas*: conc.^o de Monchique (Algarve).

5) — *Alvão* e — *Alvã*:

— *Alvão*: conc.^o de Oliveira do Hospital (Beira Alta); — *Lixa do Alvão*: conc.^o de Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Montalvão* (Monte-alvão): conc.^{os} de Nisa (Alto-Alentejo) e Vila Nova de Famalicão (Minho) (2); — *Nogueira de Montalvão*: conc.^o de Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Serra de Alvão* e também *Monte Alvão*: conc. de Vila Pouca de Aguiar; ramificação da Serra do Marão, divisória das províncias de Trás-os-Montes, Minho e Douro Litoral. — *Alvã*: conc.^o de Oliveira de Azemeis (Beira Litoral)

6) — *Alvar* e — *Alvado*:

— *Alvar*: conc.^o de Arcos de Valdevez (Minho). — *Alvados*: conc.^o de Porto de Mós (Estremadura).

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. III, Coimbra, 1931, págs. 52 e 260.

(2) I. Xavier Fernandes, *Topónimos*, cit., vol. II, pág. 338. Cfr. *Montalvo*, *Montalvinho* e *Montalvão*.

7) — *Alvinho*:

— *Montalvinho*: conc.º de Constância (Ribatejo).

8) — *Alvor*, — *Alvora*, — *Alvorão* e — *Alvura*:
— *Alvor*: conc.º de Portimão (Algarve) (1); — *Alvora*: conc.º de Arcos de Valdevez (Minho); — *Alvorão*: pov. e potamónimo de afluente do rio *Almonda*: conc.º de Torres Novas (Ribatejo); — *Alvejar* (?): conc.º de Vila Nova de Ourém (Ribatejo); — *Alvura*: conc.º de Felgueiras e Maia (Id.).

9) — *Alvação* — *Alvações*:

— *Alvações do Corgo*: conc.º de Santa Marta de Penaguião (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Alvações de Tanha*: conc.º de Pêso da Régua (Id.). (2)

— *Alvadia*: conc.º de Ribeira de Pena (Trás-os-Montes e Alto Douro). (3)

— *Alvaiade*: conc.º de Vila Velha de Ródão (Beira Baixa). (4)

— *Alvaiázere* (Beira Litoral).

Uma lenda local pretende explicar o topónimo: foi aplicado porque a povoação, «em noites de luar, aparece envolvida num manto de *alvura*, prateada, sob o abrigo das velhas oliveiras». (5) Inclui-se apenas pela razão da poética etimologia popular, que relaciona o topónimo com «alvura».

(1) «Alvor» pode vir de *albore*, *alvura*, *brancura*: I. Xavier Fernandes, *Id.*, pág. 256.

(2) «Alvação»: adj., *alvadio*: Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*; e subst. abst.º, — acção de alvejar ou alvorar. *Alvações* pode também provir de genitivo *Alvationis*: Leite de Vasconcelos, *De Terra em terra*, vol. I, Lisboa, 1917, pág. 119 n.º 69.

(3) «Alvadio-alvadia»: «quase branco: esbranquiçado, cinzento-claro (de alvo)»: C. Figueiredo, *Id.*

(4) «Alvaiade»: carbonato de chumbo, branco ou amarelo.

(5) Cfr. I. Xavier Fernandes, *Id.*, vol. III, pág. 255.

10) — *Alvarinho*:

A propósito deste topónimo, apontou Leite de Vasconcelos nos *Opúsculos* o seguinte: tem «como étimo o genetivo *Alvarini*, de *Alvarinus*, representado na idade média por *Alvarão* (em Cortesão transcrito *Alvario*, sem nasal no *i*). A toponímia tem várias vezes *Alvarinho*, que em parte poderá ligar-se aqui; cfr. *Alvarinha*. Mas também há *alvarinho* como nome comum. (1)

No *Onomástico Medieval*, de António Augusto Cortesão, há outros topónimos, que têm ou parecerão ter o radical comum *alvar*: — *Alvaraes* (S. Miguel de Alvaraes), (Inquirições de 1220), *Alvarão* (Id. 1258), *Alvardães* (Id. 1258), *Alvardana* (Id. 1220), *Alvardi* (Id. id.), *Alvardim* (Id. 1258), *Alvaredo* (S. Martinho de Alvaredo, Inq. 1258), *Alvarina* (Id. id.). Serão ou não provenientes, directa ou indirectamente, do nome comum, derivado de «alvo». Contém igualmente antropónimos, como — *Alvam* (Inq. 1258), *Alvao* (Id. id.), *Alvarazem* (séc. XVI), *Alvardam* (Inq. 1220), *Alvario* (Id. 1258), *Alvartiz* (Id. id.), como apelidos de homem. — *Alvar* (séc. XV), nome de homem. De *Alvo*: — *Alvoo*, nome de uma fonte (Inq. 1258), *Alvorigue* (séc. XV), nome de homem, *Alvoroos* (Portela de Alvoroos), nome geográfico (Inq. 1258). (2)

A propósito destes nomes, provenham ou não dos subst. comuns «alvo» e «alvar», devem ter-se em conta as palavras de advertência de I. Xavier Fernandes: «qualquer sobrenome, apelido ou até alcunha de pessoa ou família, que ao lugar pertenceu ou com ele teve relação de evidência» (3) pode ter tido interferência nos topónimos ou destes nos antropónimos, como ainda hoje acontece. Nos primeiros, a alusão

(1) L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. III, Coimbra 1931, págs. 328-329. — Cortesão: A. A. Cortesão, «Onomástico Medieval Português», em *O Archoelogo Português*, vol. VIII, 1903, pág. 202.

(2) A. A. Cortesão, *Id.*, págs. 202 e 203.

(3) I. Xavier Fernandes, *Topónimos*, cit., vol. II, pág. 236.

à cor terá sido fortuita e não do aspecto do terreno. (1) Leite de Vasconcelos na *Antroponímia Portuguesa* incluiu nota de «apelidos provindos de alcunhas alusivas a qualidades físicas e morais», entre as quais as alusivas a cor como, no caso presente, *Alvo*, e afins, como *Branco* e *Branca*, e, por sugestão, *Calvo* e *Calvinho*, *Claro*, etc. (2)

— *Pai Alvo* — *Paialvo*.

— «*Paialvo* (Pai Alvo) é formação análoga à destes nomes medievais de pessoas *Paay Soares*, e *Paay Moriz* (Cfr. *Textos Arcaicos*, 2.^a ed. pág. 154), e já o Abade de Miragaia, *Tentativa*, II, 298, o explicava, ao lado de muitos outros paralelos, *Pai Calvo*; *Pai Cão*, que o Sr. José Joaquim Nunes igualmente menciona. Também Mariaalva Maria Alva (nas províncias de Leal e Salamanca (*Marialva*))».

Transcreve-se o comentário de Leite de Vasconcelos, em *Opúsculos*, vol. III, p. 261, notem-se nele os topónimos: *Marialva* e *Paialvo*. Também Xavier Fernandes explica, no mesmo sentido: — *Marialva*, «forma aglutinada de Mari'alva», *Topónimos*, II, 331); — *Paialvo*: — «resultou da contracção de *Paio Alvo*, como *Paiéres* e *Paimogo*, se formaram respectivamente *Paio Eres* e *Pai Mogo*»; e lembra ainda *Paio Pires* e *Paio Mendes*. (Id., p. 348-349).

— *Paialvo*: conc.^o de Tomar (Ribatejo).

— *Marialva*: conc.^o da Mêda (Beira Alta).

— *Calvo* — *Calva*...

— «*Calvo* (do lat. *calvus*): terreno escaldado, como calva. Em função metafórica, aparece abundante-

(1) Os autores, que se têm ocupado da toponímia, atribuem estes casos, muitas vezes, a origens interpretadas nos próprios locais, que frequentemente devem, atribuir-se a factos de etimologia popular. Há alcunhas-apelidos, que não são do local a que se fixaram e foram levadas de fora por pessoas, que aí se estabeleceram.

(2) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, pag. 190, e ss.

mente na toponímia; tanto pode significar, conforme os casos, lugar desprovido simplesmente de vegetação, como terreno mais ou menos esbranquiçado ou alva-cento, entre outros, que são coloridos ou escurecidos pelo mato, pelo arvoredado e pelas plantações. A observação contrastante da mancha «escalvada», seja pedregosa ou não, produziu topónimos, diferenciados pela extensão, pela elevação e pela repetição das manchas. *Calvo* (sem vegetação), *calva* (clareira), *calvário* (monte escalvado), aumentativos e diminutivos, entram na toponímia.

1 — *Calva*: conc.^o de Póvoa de Lanhoso (Minho).

2 — *Calvães* (talvez primitivamente «*Calvãs*» ou plural duplo de «*Calvão*», a par de «*Calvões*», como, por ex., — conc.^o de Albergaria-a-Velha (Beira Litoral).

3 — *Calvão*: — aumentativo de *Calvo*; — conc.^{os} de Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro) e Vagos (Beira Litoral).

4 — *Calvela*: — diminutivo de «*Calva*»: — conc.^o de Vale de Cambra (Beira Litoral).

5 — *Calvelha*: — *calva* pequena: — conc.^o de Bouças (Douro Litoral).

6 — *Calvelhe*: — id.: — conc.^{os} de Bragança (Trás-os-Montes e Alto Douro), Buarcos (Beira Litoral) e Chaves (Trás-os-Montes etc.); notem-se neste mesmo concelho, e em oposição, «*Calvão*» e «*Calvelhe*».

7 — *Calvelo*: — a par de «*Calvela*»: conc.^{os} de Caldas da Rainha (Estremadura), Lousada (Douro Litoral), Penafiel (Id.), Ponte de Lima (Minho) e Santo Tirso (Douro Litoral).

No conc.^o de Braga (Minho), três povoações do mesmo nome distinguem-se pela relação de altitude e de situação; — *Calvelo de Cima*, *Calvelo do Meio* e *Calvelo de Baixo*.

— *Calvelos*: — pl. de «Calvelo»: conc.^{os} de Fafe (Minho) e Vieira (Id.), aqui em duas freguesias (Guilhofrei e Soengas).

8 — *Calvete*: — diminutivo de «Calva» ou «Calvo»: — conc.^o de Figueira da Foz (Beira Litoral).

9 — *Calvilhe*: — a par de «Calvelhe»: — conc.^{os} de Lamego (Trás-os-Montes e Alto Douro) e Maia (Douro Litoral).

10 — *Calvinho*: — diminut. de «Calvo»: — conc.^o de Resende.

11 — *Calvino*: — adj., qualidade de que é calvo; — conc.^o de Figueira da Foz (Beira Litoral); talvez por «Calvinho», em região onde há outro diminutivo, já mencionado, «Calvete».

— *Calvinos*: — pl. de «Calvino»: — conc.^o de Tomar (Ribatejo).

12 — *Calvo*: — o que apresenta «calva» ou é como «calvo» (monte calvo por monte escalvado): conc.^o de Montalegre (Trás-os-Montes e Alto Douro).

— *Calvos*: — conc.^{os} de Arcos de Valdevez (Minho), Baião (Douro Litoral), Guimarães (em duas freguesias Guimarães e Serzedelo) (Minho), Mafra (Estremadura), Mortágua (Beira Alta), Ponte do Lima (Minho), onde há também o topónimo diminutivo «Calvelo», Póvoa de Lanhoso (Id.), onde há «Calva», Póvoa de Varzim (Douro Litoral), Sertã (Beira Baixa), Torres Vedras (Estremadura), Vieira (Minho) onde há dois «Calvelos», e Vouzela (Beira Alta).

13 — *Calvura*: — qualidade do que é calvo; — conc.^o de Marco de Canaveses (Douro Litoral).

— *Pai-Calvo*:

Leite de Vasconcelos, na *Revista Lusitana* e, por transcrição desta, em *Opúsculos*, anotou este topónimo

de uma courela do termo de Avis (Alto Alentejo). Em documentos do séc. XVI não tinha essa forma: figura com a de *Pai-Calvo*; estaria aí por *Paio-Calvo* (caso de síncope sintática, afirma o comentador). De *Pai-Calvo* passou para *Pé-Calvo*, por etimologia popular, e teria havido a forma intermediária *Pá-Calvo*. (1)

Na freguesia de Aboim, do conc.º de Vila Verde (Minho), há uma povoação com o nome de *Paio Calvo*, que justifica a interpretação de Leite de Vasconcelos.

Incluiu-se nos topónimos de «Alvo» o de *Paialvo*, resultante também da contracção de «Paio» e «alvo», afim de *Paio Calvo*: em ambos, a primeira parte da locução é formada pelo nome próprio Paio, uma das transformações do antigo antropónimo «Pelágio»; «alvo» e «calvo», este sugerido talvez pelo primeiro, servem-lhe de qualificativos. — *Paialvo* é no conc.º de Tomar (Ribatejo).

Amarelo

Amarelo — *Amarela* — *Amarelos* — *Amareleja*.

Diz uma cantiga de Santa Vitória da Ameixial (Estremoz: Alto Alentejo):

— *Amarelo, amarelo...*

amarelo linda flor...

Quem não gosta do amarelo,

não gosta do seu amor. (2)

1). — *Amarelo* — *Amarelos*:

— *Amarelo*: *Seixo Amarelo*: conc.º de Guarda (Beira Alta); — *Amarelos*: conc.ºs de Póvoa de Lanhoso

(1) Leite de Vasconcelos, em *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, pág. 162, e *Opúsculos*, vol. III (Onomatologia), Coimbra, 1931, pág. 413, n.º 71. — I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, vol. II, Porto, 1943, págs. 347-348.

(2) *Revista Lusitana*, Vol. XIX, Lisboa, 1916, pág. 304, n.º 127.

(Minho) e Vila Velha de Ródão (Beira Baixa); — *Várzea dos Amarelos*: conc.^o de Alvaiázere (Beira Litoral).

2) — *Amarela*:

— *Amarela*; conc.^{os} de Braga (Minho) em duas freguesias (Gondisalves e Ruilhe) e Vila Verde (Id.).

A *Serra Amarela* eleva-se entre os rios Lima e Cávado, e vai atingir a costa entre o Neiva e o Lima.

Orra Amarela (*Hurra*, no séc. XII), vec. derivado de *horreo*, celeiro, do lat. *hordeum* (*Hordeum L.*), cevada. (1) Casal ou propriedade em Lalim (Vila Verde: freg.^a de Soutelo: Minho). (2)

3) — *Amareleja*: conc.^o de Moura (Alto Alentejo).

Azul

É reduzida a influência desta cor na toponímia. E aparece em pequenos contrastes mais ou menos limitados, como em *Costa Azul*, *Lagoa Azul*, e pouco mais. Um bairro ou sector moderno de um bairro de Lisboa tomou o nome de «Bairro Azul», por causa da unidade desta cor em pormenores externos dos edifícios (freg. de S. Sebastião da Pedreira).

— *Lagoa Azul* é hidrónimo comum a uma das lagoas vulcânicas, que nos Açores (S. Miguel) formam a «Caldeira das Sete Cidades», e a outra, de formação marinha, entre Cascais e Sintra (Estremadura);

(1) Joaquim da Silveira, *Rev. Lusitana*, XXXII, págs. 245-247.

(2) Alexandre de Carvalho Costa, «Toponímia Alentejana», em *Douro-Litoral*, Oitava Série, III—IV, Porto, 1957, pág. 323, (*Urra*: conc.^o de Portalegre, sede de freg.^a; págs. 322-323).

Branco (cunha branca) omelete de milho e leite (cunhã).
*O encarnado é escuridão,
o branco, de noite, alveja...*

St.º Aleixo (conc.º de Monforte:
Alto-Alentejo).

1) — *Branco* — *Branços*:

— *Branco*: conc.º de Leiria (Beira Litoral); — *Aldeia de Barro Branco*: conc.º de Borba (Alto Alentejo); — *Barro Branco*: conc.º de Fornos de Algodres (Beira Alta); — *Casal Branco*: conc.º de Almeirim (Ribatejo); — *Castelo Branco*: cidade, na Beira Baixa, e povoações nos conc.ºs de Mogadouro (Trás-os-Montes e Alto Douro) e Horta (Faial: Açores); — *Forno Branco*: conc.º de Cantanhede (Beira Litoral); — *Moinho Branco*: conc.º de Sertã (Beira Baixa); — *Monte Branco*: conc.ºs de Almodóvar (Baixo Alentejo), Montemor-o-Novo (Alto Alentejo), Portalegre (Id.), e Silves (Algarve); — *Ribeiro Branco*: conc.º de Arouca (Beira Litoral); — *Seixo Branco*: conc.º de Ovar (Id.); — *Casais Brancos*: conc.º de Caldas da Rainha (Estremadura).

2) — *Branca* — *Branças*:

— *Branca*: conc.º de Albergaria-a-Velha (Beira Litoral); — *Alcaria Branca*: conc.º de Mértola (Baixo Alentejo); — *Areia Branca* e *Praia da Areia Branca*: conc.º de Lourinhã (Estremadura); — *Casa Branca*: conc.ºs de Abrantes (Ribatejo), Montalegre (Trás-os-Montes), Montemor-o-Novo (Alto Alentejo), Sousel (id.), etc.; — *Casa Branca do Sado*: conc.º de Alcácer do Sal (id.); — *Farinha Branca*: conc.º de Ponte do Sor (id.); — *Lameira Branca*: conc.º de Arouca (Beira Litoral); — *Pena Branca*: isto é: Pedra branca ou Fraga branca: Abade de Baçal, *Memórias*, vol. X, p. 141: não localiza o topónimo, dando-o apenas como nome geográfico, a par de Pena Mourisca, e Penhas Juntas, Penhas Róias, a que, fora do distrito de Bragança, acrescentaremos as bem conhecidas Penhas Douradas, na Serra da Estrela.) — *Quinta Branca*: conc.º de Mealhada (Beira

Litoral); — *Ribeira Branca*: conc.ºs de Torres Novas (Ribatejo) e Machico (Madeira); — *Branças*: conc.º de Batalha (Beira Litoral).

*

No rol dos topónimos do *branco* está o que é branco e de longe *alveja* ou branqueja: — *Cal*, que é branca, e *Caiado*, o que levou cal e, por consequência, ela fez branco. — «Caiar» é branquear com leite de cal.

— *Cal*:

— *Cal*: conc.ºs de Barcelos (Minho) e Vila Verde (id.). — *Cal de Bois*: conc.º de Alijó (Trás-os-Montes e Alto Douro).

— *Caiado* — *Caiada*:

— *Caiada*: conc.º de Almodôvar (Baixo Alentejo); — *Casa Caiada*: conc.º de Vila Nova de Ourém (Ribatejo).

*

— *Claro* pode não ser branco, mas «clareia», «branqueja». Do lat. *Clarus*, quase branco, pouco carregado. — *Monte Claro*: conc.º de Nisa (Alto Alentejo); — *Val Claro*: conc.º de Lamego (Trás-os-Montes e Alto Douro). — *Montes Claros*: conc.º de Vila Viçosa (Alto Alentejo), e freg. da Ajuda, em Lisboa.

Escuro

«Escuro» opõe-se a «claro» e a «alvo». Aparece a oposição na toponímia. Do lat. *obscurus*: sombrio a dar para preto.

—*Escuro*:

—*Vale Escuro*: conc.ºs de Baião (Douro Litoral) e Fafe (Minho); lugar em Lisboa (Alto do Pina).

—*Escura*:

—*Lagoa Escura*: hidrónimo, lagoa na Serra da Estrela (Beira Alta); —*Silva Escura*: conc.ºs de Sever do Vouga (Beira Litoral) e Maia (Douro Litoral).

—*Pardo*

Definição dicionarizada: «entre preto e branco, quase escuro». Do lat. *Pardus*, *Pallidus*; entre branco e preto, quase escuro.

—*Chão Pardo*: conc.º do Porto de Mós (Estremadura); —*Monte Pardo*: conc.º de Nisa (Alto Alentejo).

—*Pasparda* (?) na Serra do Mendro, entre Vidigueira e Portel (Baixo Alentejo)

Negro e — Preto

Negro — *Negros* — *Negras*; — *Negrais*; — *Negralvo*
—*Negralvos*; — *Negrão* — *Negrões*; — *Negredo*.

*Dizem que o preto é luto...
eu digo que é gravidade;*
..... (1)

*Dizem que o preto é feio...
eu digo que é linda cor;
com o preto é que eu escrevo
cartinhas ao meu amor. (2)*

(1) Santa Vitória da Ameixial, *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 304 (n.º 126).

(2) L. Chaves, *O Amor Português*, Lisboa, 1922, pag. 47.

4) — *Negro* — *Negros*:

Montenegro (Monte Negro): conc.^{os} de Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro), e de Ourique (Baixo Alentejo); — *Carrazeda de Montenegro*: conc.^o de Valpaços (Trás-os-Montes); — *Pero Negro*: conc.^o de Arruda dos Vinhos (Estremadura); *Quarto Negro*: conc.^o de Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes).

— *A dos Negros* ou *Negros*: conc.^o de Óbidos (Estremadura); — *Paços Negros*: conc.^o de Almeirim (Ribatejo).

2) — *Negra* — *Negras*:

— *Lagoa Negra*: conc.^o de Barcelos (Minho);

— *Pedras Negras*: lugar em Lisboa, freg. da Madalena.

3) — (*Negral*) *Negrais*: (quase negro, que negreja):

— *Negrais*: conc.^o de Sintra (Estremadura).

4) — *Negrão* — *Negrões*:

— *Monte Negrão* (cfr. Monte Negro): conc.^o de Torres Vedras (Estremadura); — *Negrões*: conc.^o de Montalegre (Trás-os-Montes e Alto Douro).

5) — *Negredo* — *Negredos* — *Negreda*:

— *Negreda*: conc.^o de Vinhais (Trás-os-Montes e Alto Douro). *Negredos*: id. (id.)

6) — *Negrelo* — *Negrelos*:

— *Monte Negrelo*: conc.^o de Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Negrelos*: conc.^{os} de Oliveira do Hospital (Beira Litoral), Santo Tirso (duas povoações homónimas: (Douro Litoral) e São Pedro do Sul (Beira Alta)); — *Aldeia de Negrelos*: conc.^o de Vila Nova de Gaia (Douro Litoral); — *Serra de Negrelos*: Id. (Id.). — *Negrinho*: conc.^o de Guimarães

(Minho). — *Negrosa*: conc.º de São Pedro do Sul (Beira Alta). — *Negrota*: conc.º da Figueira da Foz (Beira Litoral).

7) — *Preto*:

— *Preto* — *Pretos* — *Pretas*:

— *Preto*: conc.º de Barcelos (Minho); — *Pretos*: conc.ºº de Monção (Minho) e Terra de Bouro (Id.) — *A dos Pretos*: conc.º de Leiria (Beira Litoral); — *Terras*. — *Pretas*: conc.º de Torres Novas (Ribatejo).

8) — *Queimado*:

De qualquer forma, as «queimadas» influíram nas sugestões de cor na paisagem, e no aspecto negro da zona a que foi lançado fogo e se «queimou». Entrará o topónimo, por isso, no sector toponímico do «negro», desde que o fogo enegreceu o chão. Pode o topónimo ter outra origem e fazer referência a qualquer acidente ou episódio local; mal de nós, porém, se formos basear-nos apenas em «estórias» de etimologia popular.

— *Queimada* — *Queimado* — *Queimadela*:

— *Queimada*: conc.ºº de Armamar (Trás-os-Montes e Alto Douro), Baião (Douro Litoral) e Velas (S. Jorge, Apores); — *Queimado*: conc.ºº de Amares (Minho), Barcelos (id.) e Serpa (Baixo Alentejo); — *Vale Queimado*: conc.º de Serpa.

— *Queimadelas*: conc.ºº de Armamar (Trás-os-Montes e Alto Douro) Fafe (Minho), Marco de Canaveses (Douro Litoral) Paredes (Id.).

Pintado

O que é pintado recebeu pintura. Só por si exprime cor, embora não a indique. Assim aparece na toponímia, nas formas subst. e adjct.: *Pintado-a*, e *Pinto-a*.

— *Pintada*: conc.^o de Coimbra (Beira Litoral).

— *Pintado*: — *Arco Pintado*: conc.^o de Tomar (Ribatejo); — *Cabo Pintado*: conc.^a de Grândola (na peníns. de Tróia em frente de Setúbal).

— *Pinta*: — *Perapinta* e *Prapinta* (Pera = Pedra pinta = pintada): conc.^o de Cinfães (Douro Litoral) (1).

Roxo

Ó meu lírio roxo,
criado nos montes,

.....
Ó meu lírio roxo,
criado nos montes,
.....

Lírio roxo, sentimento...
e eu bem sentido estou,
.....

.....
Do cancionero popular.

1) — *Roxo*: conc.^o de Penacova (Beira Litoral); — *Vale de Roxo*: conc.^o de Tomar (Ribatejo).

2) — *Roxel*: conc.^o de Arganil (Beira Litoral).

3) — *Roxico*: conc.^o de Estarreja (Beira Litoral).

4) — *Roxio*: conc.^{os} de Barcelos (Minho) e Vila de Conde (Douro Litoral).

Rubro

(Do lat. *rubrus*, «muito vermelho»).

Rubras: — *Pedras Rubras*: conc.^o de Matosinhos (Douro Litoral).

(1) Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. III, pág. 25.

— *Penas Róias*: de «*Penas rúbeas*» (Leite de Vasconcelos⁽¹⁾), no conc.º de Mogadouro (Trás-os-Montes e Alto Douro). O Abade de Baçal aludiu a *Castanheira de Pedras Róias*.⁽²⁾

Ruivo

(Do lat. *Rubeus*: amarelo avermelhado, loiro avermelhado). Proceda directamente da cor, «ruivo-a», ou indirectamente da terra colorida pela «ruiva brava» (*Rubia peregrina*, L.), o respectivo topónimo formou-se: — *Ruivo* — *Ruiva*, *Ruivos* — *Ruivas*, — e, provável ou possivelmente: — *Ruivães* e *Ruivanhos*. — *Ruival* não oferece dúvidas: terra ou matagal de ruiva.

1) — *Ruivo* — *Ruivos*:

— *Ruivo*: conc.º de Ponta da Barca (Minho); — *Cabo Ruivo*: conc.º de Lisboa (e Praia de Cabo Ruivo, Aeroporto de Cabo Ruivo); — *Monte Ruivo*: conc.º de Lagos (Algarve); — *Vila Ruiva*: conc.º de Cuba (Baixo Alentejo) — *Vilar do Ruivo*: conc.º de Vila de Rei (Beira Baixa); — *Ruivos*: conc.ºs de Monção (Minho), Ponte da Barca (Id.), e Vila Nova de Famalicão (Id.); — *A dos Ruivos*: conc.º de Bombarral (Estremadura).

2) — *Ruiva* — *Ruivas*:

— *Ruiva*: — *Alcaria Ruiva*: conc.º de Mértola (Baixo Alentejo); — *Aldeia Ruiva*: conc.º da Guarda (Beira Alta); — *Lagoa Ruiva*: conc.º da Batalha (Beira Litoral); — *Ribeira Ruiva* conc.º de Torres Novas (Ribatejo); — *Salto da Ruiva* conc.º de Arganil (Beira

(1) Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. III, págs. 316 e 373, n.º 41.

(2) P.º Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal, *Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança*, Porto, 19, vol VI, cfr. Índices, pág. 730. Cfr. vol. X, pág. 142.

Litoral); — *Vila Ruiva*: conc.^{os} de Cuba (Baixo Alentejo), Fornos de Algodres (Beira Alta), Gouveia (Id.) e Nelas (Id.); — *Vilas Ruivas*: conc.^{os} de Vila Velha de Rodão (Beira Baixa); — *Barreiras Ruivas*: conc.^o de Monchique (Algarve); — *Pedras Ruivas*: conc.^{os} de Maia (Douro Litoral), Oliveira do Hospital (Beira Alta) e Vila Nova de Famalicão (Minho).

3) — *Ruivães*:

(Ruivais? — campos de ruiva; Ruivãos—Ruivões, plural de hipotético «ruivão»?): conc.^{os} de Cinfães (Douro Litoral), Fafe (Minho), Vieira (Id.), Vila Nova de Famalicão (Id.).

4) — *Ruival* — *Ruivais*

(Campo de ruiva): conc.^{os} de Penafiel com *Ruival de Baixo* e *Ruival de Cima* (Douro Litoral); — *Ribeira de Pena* (Trás-os-Montes e Alto Douro) e *Vieira* (Minho).

— *Ruivais*:5) — *Ruivanhos*:

(diminutivo do pl. de ruivo-a?): conc.^o de Braga (Minho).

Tinto

Não há que duvidar. Em «tinto» anda tinta de qualquer cor; sempre qualquer sugestão de cor, que provocou o efeito na toponímia, preferentemente na hidronímia; — *Rio Tinto*, de cuja interpretação a etimologia popular se apossou (história e lenda) sugestivamente.

— *Rio Tinto*;

conc.^{os} de Amares (Minho), Caminha (Id.), Esposende (Id.), Gondomar (Douro Litoral), Vagos (Beira Litoral).

Verde — *Quem diz que o verde é feio, eu declaro-lhe eu que mente;* — *não há jardim sem flores,* — *onde o verde não entre.* (1) — *Passarinho verde e louro,*

.....
verde é a minha esperança. (2)

— *Verde* — *Verdes;* — *Verdinho* — *Verdinha;* — *Verdealz* — *Verdeiro;* — *Verdelha;* — *Verdoejo;* — *Verdugal;* — *Verdulhos.* Do lat. *viridis.*

1) — *Verde-Verdes:*

— *Verde:* conc.^o de Portimão (Algarve); — *Agra Verde*, conc.^o de Paredes (Douro Litoral); — *Carvalho Verde:* conc.^o de Celorico de Basto (Minho); — *Casal Verde:* conc.^o de Figueira da Foz (Beira Litoral); — *Castro Verde:* sede de conc.^{os} (Baixo Alentejo); — *Chão Verde:* conc.^o de Gondomar (Douro Litoral); — *Pena Verde:* conc.^o de Aguiar da Beira (Beira Alta); — *Penha Verde:* conc.^o de Sintra (Estremadura) — *Pinhal Verde:* conc.^o de Leiria (Beira Litoral); — *Rua Verde:* conc.^o de Melgaço (Minho). — *Verdes:* — *Cabeças Verdes:* conc.^o de Estarreja (Beira Litoral); — *Matos Verdes:* conc.^o de Marinha Grande (Estremadura); — *Relvas Verdes:* conc.^o de Santiago do Cacém (Baixo Alentejo); — *Costa Verde* é nome turístico da zona litoral de Espinho; — *Ilha Verde* é o da Ilha açoreana de S. Miguel.

2) — *Vale Verde-Val Verde-Valverde:* — conc.^{os} de Aguiar da Beira (Beira Alta), Alenquer (Estremadura) Alfândega da Fé (Trás-os-Montes)

(1) P.^o Franc.^o Manuel Alves. *Id.*, pág. 414 (n.^o 479).

(2) Ab.^e J. A. Tavares, *Ilustração Trasmoniana*, vol. III, Porto, 1910, pág. 41.

e Alto Douro), Aljezur (Algarve), Almada (Estremadura), Almeida (Beira Alta), Baião (Douro Litoral), Chaves (Trás-os-Montes), Cinfães (Douro Litoral), Évora (freg. de N. S. da Tourega) (Alto Alentejo), Fundão (Beira Baixa), Mafra (Estremadura), Marco de Canaveses (Douro Litoral), Mirandela (Trás-os-Montes), Mogadouro (Id.), Monção (Minho), Oliveira de Azeméis (Beira Litoral), Penela (Id.), Pinhel (Beira Alta), Santarém (Ribatejo), Santo Tirso (Douro Litoral), Seia (Beira Alta) Tondela (Id.); Vila Nova de Famalicão (Minho), Vinhais (Trás-os-Montes).

Em Lisboa, o antigo topónimo de *Valverde* corresponde ao actual da Avenida da Liberdade e suas larguezas, ocupada pelo casario.

3) — *Vila Verde*:

— Sede de concelho (Minho), e povoações nos conc.^{os} de Águeda (Beira Litoral), Aguiar da Beira (Beira Alta), Alfândega da Fé (Trás-os-Montes e Alto Douro), Alijó (Id.), Amarante (Douro Litoral), Braga (Minho), Cabeceiras de Basto (Id.), Caminha (Id.), Castelo de Paiva (Douro Litoral), Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro), Cinfães (Douro Litoral), Coimbra (Beira Litoral), Feira (Douro Litoral), Felgueiras (Id.), Ferreira do Zézere (Ribatejo), Figueira da Foz (Beira Litoral), Gondomar (Douro Litoral), Loulé (Algarve), Lousada (Douro Litoral), Maia (Id.), Marco de Canaveses (Id.), Mesão Frio (Trás-os-Montes e Alto Douro), Mirandela (Id.), Mogadouro (Id.), Oliveira de Azeméis (Beira Litoral), Oliveira do Bairro (Id.), Paços de Ferreira (Douro Litoral), Penafiel (Id.), Pombal (Beira Litoral), Ponte do Lima (Minho), Resende (Douro Litoral), Seia (Beira Alta), Sintra (Estremadura), Vila do Conde (Douro Litoral), Vila Nova de Famalicão (Minho), Vila Nova de Gaia (Douro Litoral), Vila Verde (Minho), Vinhais (Trás-os-Montes e Alto Douro); etc.

— *Vila Verde de Ficalho*: conc.^o de Serpa (Baixo Alentejo); — *Vila Verde dos Francos*: conc.^o de Alenquer (Estremadura); — *Vila Verde dos Matos*: conc.^o de Caldas da Rainha (Id.); — *Vila Verde da Raia*: conc.^o de Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro).

- 4) — *Cuide de Vila Verde*: conc.^o de Ponte da Barca (Minho).
- 5) — *Vila Verdinha*: conc.^o de Mirandela (Trás-os-Montes e Alto Douro).
- *Verdeal* (cor tirante a verde): conc.^{os} de Felgueiras (Douro Litoral), Guimarães (Minho) e Póvoa de Lanhoso (Id.).
- *Verdeiro*: conc.^o de Penafiel (Douro Litoral).
- *Verdelha*: conc.^{os} de Melgaço (Minho) e Vila Franca de Xira (Ribatejo). («Verdelha» é um pássaro esverdeado, como «verdelhão»).
- *Verdelhos*: conc.^{os} de Sertã (Beira Baixa) e Covilhã (Id.). (Verdelho é também o nome de certa casta de uva).
- *Verdemilho* (verde milho): conc.^o de Aveiro (Beira Litoral);

A paisagem do milho na «milharada» (milharal e milheiral) sugeriu esta quadra, recolhida em Santa Vitória do Ameixial (Estremoz: Alto Alentejo):

— Oh! que belo milho, milho!
 Oh! que bela milharada!
 Oh! que bela vista d'olhos
 para quem vai de jornada! (1)

O milho, as plantações de milho, e com elas a visão panorâmica de cor verde, têm seu lugar na toponímia. É o milho (*Zea Mays*. L.), o milhão e a milhã (*Panicum Sanguinale*. L., *Panicum Cruz-galli*. L., *Setaria viridis* (L) P. Beauv., etc.), a milhagem (*Panicum cruz-galli*), etc.

Topónimos correspondentes: *Milhaço, Milhais, Milhão, Milharadas, Milharado, Milhares, Milhariça, Milharças, Milhazes, Milheiro*, etc.

— *Verdemilho* (conc.^o de Aveiro: Beira Litoral) é topónimo bem significativo da influência da cor do milho na sua formação.

(1) Em *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 297.

- *Verdisão*: conc.^o de Coura (Minho).
- *Verdoejo*: conc.^o de Valença (Minho).
- *Verdosado*: conc.^o de Cinfães (Douro Litoral).

— **ERVA**:

A *erva* e a *relva* estendem-se nas terras e dão-lhes *verdura*. A mancha da cor na paisagem diferenciada ofereceu sugestões toponímicas.

— *Erva-Ervas*: — *Ervas Tenras*: conc.^o de Pinhel (Beira Alta).

— *Ervedal*: conc.^{os} de Avis (Alto Alentejo) e — *Ervedal de Baixo*: no conc.^o de Oliveira do Hospital (Beira Alta);

— *Ervededo*, também *Couto de Ervededo*: conc.^o de Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Ervedeira*: conc.^{os} de Leiria (Beira Litoral), Pedrógão Grande (id);

— *Ervedeiro*: conc.^{os} de Celorico de Basto (Minho), Feira (Douro Litoral) e São Pedro do Sul (Beira Alta);

— *Ervedeiros*: conc.^o de Terras do Bouro (Minho);

— *Ervedosa*: conc.^{os} de Gondomar (Douro Litoral), Vinhais (Trás-os-Montes e Alto Douro) e Pinhel (Beira Alta) — *Ervedosa do Douro*: conc.^o de São João da Pesqueira (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Ervedoso*: conc.^o do Vale de Cambra (Beira Litoral);

— *Ervosa*: conc.^o de Santo Tirso (Douro Litoral).

— *Ervoês*: conc.^o de Valpaços (Trás-os-Montes).

— **RELVA**:

— *Relva*: conc.^{os} de: Castro Daire (Beira Alta), Feira (Douro Litoral), Leiria (Beira Litoral), Mafra (Estremadura), Oliveira de Azeméis (Beira Litoral), Ovar (Id.); Ponta Delgada (São Miguel; Açores) Vale de Cambra (Beira Litoral), Vila de Rei (Beira Baixa) Vila Nova de Gaia (Douro Litoral), Vila Real (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Relva de Louça*: conc.^o de Proença-a-Nova (Beira Baixa); — *Relva de Mós*, conc.^o de Góes (Beira Litoral); *Relva do Boi*, conc.^o de Vila de Rei (Beira Baixa); — *Relva Velha*, conc.^o do Arganil (Beira Litoral).

— *Relvas*: concelhos de Albergaria-a-Velha (Beira Litoral), Alvaiázere (Id.), Arganil (Id.), Caldas da Rainha (Estremadura), Covilhã (Beira Baixa), Feira (Douro Litoral), Figueira da Foz (Beira Litoral), Goes (Beira Litoral), Pombal (Id.), Sertã (Beira Baixa).

— *Relvas Verdes*: conc.º de Santiago de Cacém (Baixo Alentejo); é curioso o reforço reduntante de «verdes» a relvas.

— *Relvais*: conc.ºs de Alcoutim (Algarve) e Tavira (Id.).

— *VREIA*:

A. Gomes Pereira anotou o topónimo *Vrea* (*Vreia*) na forma popular *Brea* (*Breia*) em Abade de Neiva, conc.º de Barcelos (Minho), com a explicação seguinte: «do latim *Viridea*, «folhagem verde, arvoredos». (1). Se assim fosse, este topónimo entraria no número, das povoações, cujo nome se relaciona com a cor verde. No entanto, o Prof. Joseph M. Piel dá a *Vreia* outra origem filológica: atribui o topónimo à deformação popular de *vereda*, (*vreda*); (2) por isso, o nome foi dado a povoação, que surgiu junto de uma vereda ou caminho de comunicações entre lugares, através de campos ou região possivelmente com «folhagem verde, espessura, bosque, arvoredos», que sugestionou pela cor a primeira interpretação.

No concelho de Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes e Alto Douro), longe, portanto, da povoação do concelho de Barcelos, há as de *Vreia de Jales* e de *Vreia de Bornes*.

(1) P.º António Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcelos*, Esposente, 1916, pág. 318.

(2) Joseph M. Piel, — *Vereda, vere[ia], vreia, breia, gal. brea*, Coimbra, 1952, vol. V, ou *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1952, pp. 233 e 244.

— *Breia*:

À forma da pronúncia popular do Norte, que é *Breia*, por *Vreia* (1), correspondem os topónimos de várias povoações:

— Concelhos de: Arcos de Valdevez (Minho), onde há três povoações homónimas (nas freguesias de Jolda, Prozelo e Rio de Moinhos), Barcelos (Minho), Celorico de Basto (Id.), Guimarães (Id.), Melgaço (Id.), Paredes (Douro Litoral), Ponte da Barca (Minho), Ponte do Lima (Id.), Póvoa de Lanhoso (Id.), Santo Tirso (Douro Litoral), Viana do Castelo (Minho), com duas povoações do mesmo nome (nas freguesias de Cardielos e Nogueira e São Cláudio), Vila Nova de Cerveira (Minho), Vila Nova de Famalicão (Id.), e Vila Verde (Id.).

— *Breia de Baixo* e *Breia de Cima*: conc.º de Braga (Minho).

— *Breias*:

Encontra-se também, uma vez pelo menos, o plural *Breias* — no concelho de Braga (Minho).

— *VIÇOSO*:

— *Viçoso* — *Viçosa*:

— *Viçoso*, de viço, exprime vida vegetal, com verdura e colorido na floração das plantas; a base da cor é o verde: domina a clorofila no conjunto.

— *Aldeia Viçosa*: conc.º da Guarda (Beira Alta).

— *Vila Viçosa*: sede de conc.º (Alto Alentejo) e freguesias nos conc.º de Arouca (Douro Litoral), Cantanhede (Beira Litoral), Cinfães (Douro Litoral), Mirandela (Trás-os-Montes e Alto Douro).

(1) Vid. n.º 33.

—SÊCO:

A verde e a *viçoso*, de verdura, opõe-se o que é seco permanente ou temporariamente: contraste de verdura viva e do aridez ou falta de verde em vida e em cor; e também o de rio ou água corrente, e de leito sem ela, com areia livre à vista.

a) *Sêco*—*Sêcos*:

—*Freixo Seco*, e —*Freixo Seco de Baixo*: conc.º do Loulé (Algarve); —*Outeiro Seco*: conc.º de Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro); —*Rêgo Seco*: conc.º de Barcelos (Minho); —*Ribeiro Seco*: conc.º de Funchal (Madeira); —*Rio Seco*: conc.ºs de Batalha (Beira Litoral), Castro Daire (Beira Alta), Castro Marim (Algarve) e Pinhel (Beira Alta); topónimo da cidade de Lisboa (freg.ª da Ajuda); —*Vilar Seco*: conc.ºs de Mogadouro (Trás-os-Montes e Alto Douro), Nelas (Beira Alta), Vimioso (Trás-os-Montes e Alto Douro) e —*Vilar Seco da Lomba*: conc.º de Vinhais (Id.); —*Secos*: conc.º de Louçada (Douro Litoral).

b) — *Sêca*:

—*Fonte Sêca*, conc.ºs de Barcelos (Minho), Montemor-o-Novo (Alto Alentejo) e Redondo (Id.); —*Ponte Sêca*, conc.º de Viana do Castelo (Minho); —*Ribeira Sêca*, conc.ºs dos Açores: Angra do Heroísmo (Ilha Terceira), Calheta (São Jorge), Lages do Pico (Pico), Ribeira Grande (São Miguel) e Vila Franca do Campo (Id.); e da Madeira: Machico; —*Vila Sêca*: conc.ºs de Armamar (Douro Litoral), Barcelos (Minho), Castro Daire (Beira Alta), Condeixa-a-Nova (Beira Litoral); —*Vilar Sêco*: conc.ºs de Nelas (Beira Alta) e Vimioso (Trás-os-Montes); —*Vilar Sêco da Lomba*: conc.º de Vinhais (Id.); —*Vilarinho Sêco*: conc.º de Boticas (Id.); —*Vilela Sêca*: conc.ºs de Arcos de Valdevez (Minho) e Chaves (Trás-os-Montes e Alto Douro); —*Vilela Sêca de Gravelos*: conc.º de Vila Real (Id.);

Vermelho

o encarnado não brilha
sem ter o azul ao pé.

Santa Vitória do Ameixial (Estremoz) (1)

Ó minha mãe, dê-me, dê-me
o vermelhinho da tenda:
eu quero luzir ao longe,
já que não tenho fazenda.

S. Simão de Novais (V. Nova de Famalicão) (2)

Vermelho:

— *Vermelho*: conc.º de Pedrógão (Beira Litoral);
— *Casal Vermelho*: conc.º de Leiria (Id.); — *Pico Vermelho*:
conc.º de Santa Cruz (Graciosa; Açores); — *Serro*
Vermelho: conc.º de Santiago de Cacém (Baixo Alentejo). (Do lat. *vermiculus*).

2) — **Vermelha:**

— *Vermelha*: conc.º de Óbidos (Estremadura);
— *Barreira Vermelha*: concelho de Peniche (Id.); — *Ponta*
Vermelha: conc.º de Ribeira Brava.

3) — **Vermelhos:**

— *Vermelhos*: conc.º de Cinfães (Douro Litoral);
— *Barreiros Vermelhos*: conc.º de Loulé (Algarve).

«*Almagre*» — *Almagra* e *Almagreira*:

(Almagre, do árabe *almagra*: — *almagra*, argila
avermelhada; *almagreira* é *almagral*.)

(1) *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 304.

(2) Fernando de C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*.

— *Almagra*: conc.^{os} de Ponte de Lima (Minho), e Torres Vedras (Estremadura).

— *Almagreira* (zona de terra vermelha: almagral): conc.^{os} de Pombal (Beira Litoral, e Vila do Porto (Ilha de Santa Maria: Açores) (1)).

— *Riscada* (listada de cores?): conc.^o de Vila Velha de Ródão (Beira Baixa).

Flor

Há topónimos, que podem provir de cor e de conjunto de cores, como *Flor*, *Jardim* e *Rosa* com seus compostos, derivados e formas flexionais;

— *Flor*: — *Vale de Flor*: conc.^o da Meda (Beira Alta), — *Vila Flor*, sede de conc.^o (Trás-os-Montes e Alto Douro), e pov. nos conc.^o de Chaves (Id.), Miranda do Corvo (Beira Litoral); — *Flor da Rosa*: conc.^{os} de Crato (Alto Alentejo) e Lousã (Beira Litoral).

— *Flores*: — *Flores*: conc.^o de Vila Real (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Ilha das Flores* (Açores) com as povoações de *Lages das Flores* e *Santa Cruz das Flores* (isto é, Lages e Santa Cruz da Ilha das Flores); — *Vale de Flores*: conc.^{os} de Braga (Minho), Gondomar (Douro Litoral), Ponte do Lima (Minho), Santarém (Ribatejo), Vila Nova de Cerveira (Id.).

— *Florido* e *Florida*:

— *Florido*: — *Vale Florido*: conc.^{os} de Ancião (Beira Litoral) e Santarém (Ribatejo); — *Florida*: conc.^o de Vila Nova de Famalicão (Minho).

Jardim

— *Jardim*: conc.^{os} de Alcobaça (Estremadura), Guarda (Beira Alta), Lisboa (Estremadura: Olivais), Marco de Canaveses (Douro Litoral), Mesão Frio

(1) I. Xavier Fernandes, ob. cit. vol. II, pág. 249.

(Trás-os-Montes e Alto Douro), Penamacor (Beira Baixa), Penela (Beira Litoral), Pinhel (Beira Alta), Sabugal (Beira Baixa), Santo Tirso (Douro Litoral), Vale de Cambra (Id.), Vila Nova de Cerveira (Minho), Vila Nova de Famalicão (Id.), Vila Nova de Gaia (Douro Litoral); — *Jardim do Mar*: conc.^o de Calheta (Ilha da Madeira); — *Sernache do Bom Jardim*: conc.^o de Sertã (Beira Baixa).

— *Jardins*:

— *Jardins*: conc.^o de Ponte do Lima (Minho),

Rosa

(*Rosa*, L.)

1) — *Rosa* — *Rosas*: conc.^{os} de Melgaço (Minho) e Vila de Conde (Douro Litoral); *Vale da Rosa*: conc.^o de Leiria (Beira Litoral); — *Flor da Rosa*: conc.^o de Nisa (Alto Alentejo); — *Vale de Rosas*: conc.^o de Alcoutim (Algarve); — *Quinta da Flor da Rosa*: conc.^o de Miranda do Corvo (Beira Litoral);

2) — *Rosada*: conc.^o de Portalegre (Alto Alentejo).

3) — *Rosal* — *Rosais*:

— *Rosal*: conc.^{os} de Monção e Paredes de Coura (Minho); — *Rosais*: conc.^o de Velas (Açores: São Jorge).

Gesta e Giesta

(*Spartium*, L.)

Sem flor, a giesta cobre de verde largos sectores da paisagem; esta anima-se na Primavera com a mancha cerrada, intensa, da flor amarela ou branca, fortemente aromática. Os topónimos, por ela formados, são numerosos.

1) — *Gesta*:

— *Gesta*: conc.^{os} de Oliveira do Bairro (Beira Litoral), Penafiel (Douro Litoral), Santo Tirso (Minho), Vila Nova de Ourém (Ribatejo).

— *Gestal* e *Gestalinho*: — *Gestal*: conc.^{os} de Feira (Douro Litoral), Felgueiras (id.), Matosinhos (id.), Miranda do Corvo (Beira Litoral), Penafiel (Douro Litoral), Vila Nova de Famalicão (Minho). — *Gestalinho*: conc.^o da Maia (Douro Litoral).

— *Gesteira*: conc.^{os} de Cantanhede (Beira Litoral), Monção (Minho), Ovar (Douro Litoral), Penafiel (Id.), Pombal (Beira Litoral), Santo Tirso (Minho).

— *Gestido*: concelho de Barcelos (Minho).

— *Gestosa* e *Gestoso*: — *Gestosa*: conc.^{os} de Arouca (Douro Litoral), Boticas (Trás-os-Montes e Alto Douro), Castanheira de Pera (Beira Litoral) Santa Comba Dão (Beira Alta), São Pedro do Sul (id.), Vila Verde (Minho), Vinhais (Trás-os-Montes e Alto Douro); — *Gestoso*: conc.^{os} de São Pedro do Sul (Beira Alta) e Vale de Cambra (Beira Litoral).

2) — *Giesta*:

— *Giesta* e *Giestas*: — *Giesta*: conc.^{os} de Gondomar (Douro Litoral), Marco de Canavezes (id.), Paredes (id.), Ponte do Lima (Minho) e Santo Tirso (Douro Litoral); — *Giestas*: conc.^{os} de Barcelos (Minho) e Oliveira do Bairro (Beira Litoral).

— *Giestal*: conc.^{os} de Barcelos (Minho), Feira (Douro Litoral), Paços de Ferreira (id.), Penalva do Castelo (Beira Alta), Ponte do Lima (Minho), Vila de Cerveira (Id.).

— *Giesteira* e *Giesteiro*: — *Giesteira*: conc.^{os} de Águeda (Beira Litoral), Barcelos (Minho), Caldas da Rainha (Estremadura), Évora (Alto Alentejo), Feira (Douro Litoral), Oliveira de Azeméis (Beira Litoral), Póvoa de Varzim (Douro Litoral), Sertã (Beira Baixa) e Vila Nova de Ourém (Ribatejo). — *Giesteiro*: conc.^{os} de Arcos de Valdevez (Minho) e Ponte de Lima (id.).

— *Giestosa*: conc.^o de Castelo de Paiva (Douro Litoral).

Outras plantas originaram pela cor da floração outros topónimos, como o rosmaninho ou rosmano — *Rosmaninho* (Caminha: no Minho), — *Rosmanihal* (Idanha-a-Nova: Beira Baixa), Mação (Ribatejo), Ponta do Sol (Ilha da Madeira), e — *Rosmano* (Lagoa: Algarve). Bastam, porém, as notas, que aí ficam, já por demonstração, aliás densa.

Em 1956 foi editado um volume do Dr. Pedro Roca Garriga, intitulado *Los términos de color en la toponímia catalana*, n.º I, da Biblioteca Filológica-Histórica, dirigida por Mons. A. Griera Gaja e Mons. F. Udina Martorell: edição da Abadia de San Cugat del Vallès. Afirma a apresentação que a obra oferece visão nova e sugestiva da área linguística do catalão (Catalunha, Valência e Baleares) no campo da toponímia, e mais especificamente, nos nomes de lugares (montes, rios, povoações, etc.), que incluem elementos léxicos com significação de cor.

Completaria estes apontamentos toponímicos a inclusão de «apelidos provenientes de alcunhas alusivas a qualidades físicas e morais», com referência a cores, como Alvo, Amarelo, Azul, Branco e Branca, Calvo e Calvinho, Claro, Louro, Pardo, Ruivo, Verde, Verdelo e Verdelho, Verdilhão, Vermelho; alguns foram nomes próprios e sobrenomes. Bastará a qualquer curiosidade procurá-los nos índices da *Antropologia Portuguesa* de Leite de Vasconcelos, já citada. (1)

(1) Vid. n.º 19. «O número de alcunhas é indefinido, pois se criam abundantemente todos os dias»: Id. p. 276.